



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADA CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro Fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

15 de Setembro de 2007 • Ano LXIV • N.º 1657
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Semana de Pastoral Social

DECORRE, ainda, em Fátima, à hora em que escrevemos, a Semana de Pastoral Social. XXIV «edição». O número dos participantes é, sensivelmente, igual ao do ano passado, segundo indicações do Secretariado da Semana. Está para cima das 300.

O tema deste ano, actual, como sempre, trata da *Identidade Cristã* das Instituições de Acção Social da Igreja. Tema fracturante por se debruçar sobre a identidade; aquilo que distingue, que é específico, que permanece para além dos inevitáveis mutações a que tudo aquilo que vive no tempo está sujeito.

Já ouvimos, com agrado, Maria José Nogueira Pinto, na sua vasta experiência de trato com «o social», permeabilizada pela originalidade da experiência cristã. É desta que a Semana de Pastoral Social trata.

Gostávamos de ouvir a forma como vincou a diferença entre o «ser solidário» e o «ser impelido pela Caridade» — termo que usou sem qualquer relutância; que se revela como o mais específico da experiência cristã, na abordagem e aproximação ao «outro».

O «Ser Caridade» ultrapassa o «ser solidário». Este atende; aquele cuida, compadece-se.

Cuidar do outro é entrar no âmago da questão da Caridade, enfatizou, referenciando a Encíclica de Bento XVI «Deus Caritas Est».

Desenvolvendo a sua reflexão sobre o maneira de articular a especificidade da experiência cristã no exercício da Caridade, com outras formas de exercer a solidariedade, principalmente aquelas que dimonam da acção governativa, as quais classificou de «poder de César», sugeriu um caminho de parceria, supostamente apoiado numa «carta de princípios», superando a contratualização, já que esta revela, sempre, um cariz de sujeição ao Estado, como sujeito superior.

A «parceria» traz o «sabor» da igualdade no diálogo e na acção, face aos novos problemas sociais que se avizinham, para as Instituições.

É preciso apostar na eficiência, disse; acrescentando, que «a ineficiência é pecado».

Seguir-se-ão outros oradores e testemunhos concretos que muito enriquecerão o espírito desta Semana Social.

Padre João

MALANJE

Partilha...

REPARTE teu pão: Toma tu, toma tu, pego eu... Mastiguemos em silêncio e paz. A violência acaba aqui, aqui nasce a harmonia e o bem!

Esta fonte é o amor que Esse Jesus põe no Evangelho. Ela, e só ela, nos fará felizes. Não passemos de lado, nem nos escondamos na densa floresta da descrença.

É, minha senhora. Se não tem a família que sonhou e tem medo de perder todo o tempo e o receio das mãos vazias, venha, não pode agarrar o tempo, pode mudar as agulhas para os confins da Luz, onde estão as crianças sem pais, os drogados sem vida e as famílias sem pão. O Padre Américo fez assim. Não hesite.

Aquele jovem que foi ter com Jesus:

— O que devo fazer?

— Cumpre os Mandamentos.

— Tenho cumprido.

— Então, se quiseres mais amor e maior bem, vai, vende o que tens e dá aos pobres... Depois, vem e segue-Me.

O jovem retirou-se triste, porque tinha muitos bens. Jesus ficou triste ao vê-lo partir.

Continua na página 3

BENGUELA

Motor de rega

COMO sabe bem a gotinha de água, fruto do nosso trabalho! Chamo-lhe gotinha, porque, na verdade, no oceano imenso das necessidades, dentro e fora da nossa Casa, é o nome próprio. Estou a referir-me ao produto do nosso campo que saiu, há dias, numa carrinha para Luanda para ser vendido no mercado grande da Capital. Foi uma carga de cebola. Todo o dinheiro que render será para consumir em comida, remédios e outras necessidades básicas dos Pobres que nos batem à porta ou vivem connosco.

Do mesmo modo, estão a ser preparadas algumas dezenas de carteiras escolares na

oficina de carpintaria que vão apoiar o nascimento de novas escolas, no interior da Província de Benguela. Para além da ajuda material que daí resulta, sempre com a categoria de gotinha de água, há o significado muito rico da nossa colaboração para o desenvolvimento de Angola, com o trabalho destes filhos que se fazem cidadãos normais da sua mãe terra. Cumpre-se, deste modo, a nossa missão sublime de prevenir e transformar os pesos mortos dum povo em motores do progresso social. Quem nos dera ir sempre mais além! Quem nos dera

Continua na página 3

Vistas de dentro



ESTA é inédita: a do Doutoramento do David Eduardo dos Santos e Silva «no ramo da Química, especialidade de Química-Física, tendo sido aprovado com *Distincção e Louvor*». Tal se consumou em Maio passado na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

O David entrou pequenito na Casa do Gaiato de Benguela. E, porque vivaço e lutador, não sei quem da Comunidade, num rasgo de humor, lhe pôs a alcunha de «Golias». E pegou! E durou até ao fim dos estudos secundários.

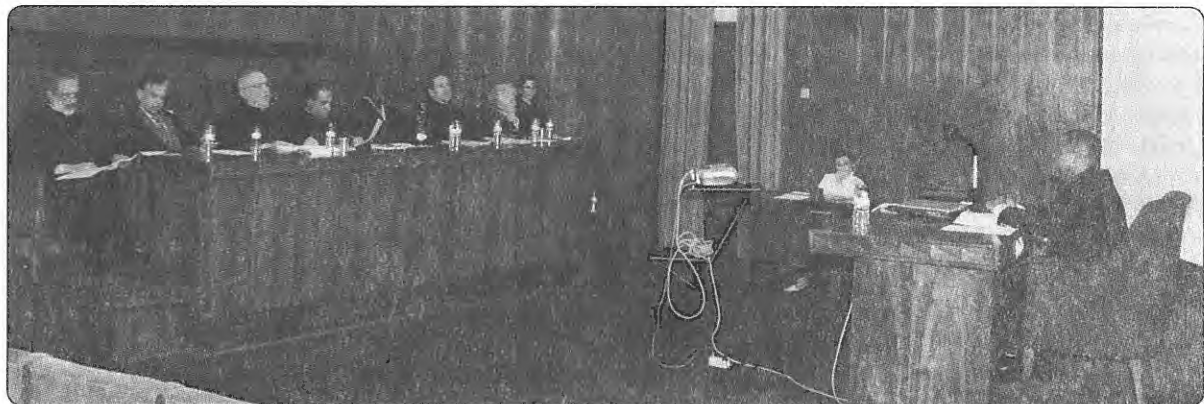
Quando chegou a este nível, sempre bom estudante, com provas dadas de capacidade e manifestação de vontade de ir mais além, pensou-se na Universidade; e, uma vez que a Obra é a mesma cá e lá, deram-se passos para que viesse para uma das Casas do Gaiato em Portugal. O tempo era ainda de muita confusão e os homens, com a sua rara habilidade para complicar o que é simples, ergueram obstáculos, então, mais lá do que cá. Em todas estas diligências se perdeu tempo e, por isso, o percurso escolar do David não foi tão linear quanto teria sido possí-

vel. Acabou por entrar na Universidade Estatal em Luanda onde se licenciou no ramo da Química e aí ficou, não sei quantos anos, no ensino. Foi a sua Universidade que o escolheu para doutorar-se e o enviou a Lisboa, em cuja Faculdade de Ciências fez esta etapa da sua formação académica. Aqui teve a dita de lhe ser dado por Orientador o Professor César Viana, um grande Vicentino e Amigo de quem conserva profunda saudade, o que ele próprio regista nos agradecimentos exarados no livro da sua tese. Bem como «o meu elevado reconhecimento à Obra da Rua», pois «a educação ministrada nas Casas do Gaiato sempre ajuda a formar homens valorosos para a sociedade no presente e no futuro».

Quem dera que este primeiro Doutor que a Obra conta, saído do seu seio, seja exemplo e estímulo para os nossos Rapazes, alguns com capacidade válida para metas superiores e que a não usam, por pequenez de senso e fraqueza de vontade. É óbvio que numa Obra com a natureza da nossa, seriam sempre uma minoria, mas não importa a quantidade — representariam o aproveitamento amplo de todos os valores.

No regresso a Angola onde o David Eduardo irá certamente exercer os seus dotes e as mais valias

Continua na página 3



Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — De Coimbra, a Senhora D. Maria Teresa, assinante 1661, mandou 500 euros e «*não quer recibo, só um Pai Nosso*».

Ainda, de Coimbra, mais 20 euros, da assinante 73128, de Almgue, «*com uma migalha, mas é o que posso, com muito amor. O vosso trabalho é muito necessário*». Deus está convosco.

Agora, temos de Avintes, assinante 79482, «*uma migalha para dar um lar a uma Família a quem não tem. Apesar desta 'migalha' ser minúscula, encontro de alegria nas Palavras vivas do Evangelho, quando afirma 'ser Fiel no pouco e Fiel no muito'*».

Um Pároco, de Santo Tirso, assinante 42692, «*quatro fatias fininhas, mas temperadas da melhor vontade. O Espírito que nos move e dá o ser, concede sempre mais e mais alento para cumprirmos até ao fim*».

O assinante 19148, do Porto, que nos diz: «*Antes de ir de férias quero marcar presença com esta pequena lembrança para a vossa farmácia*».

Caro engenheiro, Deus lhe pague os 50 euros.

Assinante 16696, de Pinhal Novo, «*25 euros, para uma necessidade premente, que o Júlio saberá melhor*».

Rio de Mouro, assinante 22890, 50 euros: «*Que Deus continue a ajudar-vos nessa missão tão bela e tão precisa. Que tenham, também, umas boas férias, para poderem retemperar as vossas forças*».

A Lourdes, de Cacém, presente «*como de costume, uns pósinhos para os mais Pobres. A vida está muito difícil...*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

SETÚBAL

VACARIA — Há uns poucos de dias, na nossa vacaria, uma das nossas melhores vacas deu à luz dois pequenos vitelos. Ora, para nosso grande espanto, um dos vitelos dava pela cor castanha e, isso, foi uma das melhores coisas que aconteceram na vacaria. Essa pequena cria teve um irmão, gémeo, já com a cor normal. Agora, todos os Rapazes gostam da vitela e, de vez em quando, dão uma vista de olhos na sua cor. Esta vitela é importante para nós, porque, nesta Casa, não é normal nascerem vitelos castanhos.

FÉRIAS — Os nossos Rapazes que estiveram em férias na Arrábida, no mês passado, já regressaram e vieram satisfeitos. É certo que para

voltarem, tiveram de lá deixar alguns para fazerem as limpezas e, para isso, a senhora D. Conceição escolheu os que achava melhor para essas tarefas. Decerto que, se tudo correr bem neste ano lectivo que se segue, para o ano haverá mais.

OFICINAS — Alguns dos Rapazes que regressaram das férias já voltaram às oficinas, com mais alguns que escolheram aprender uma profissão. Todos os anos, as nossas oficinas rendem bem... Os mestres que estão na tipografia, serralharia e carpintaria, ajudam os Rapazes para que desempenhem melhor o seu trabalho.

RAPAZES — Há uns dias, recebemos, de braços abertos, o Iaia. Um Rapaz oriundo da Guiné, com apenas 9 anos que, pelas primeiras aparências, é bem divertido. Segundo ele, gosta de brincar, jogar a bola e andar no nosso baloiço. Gosta de cá estar e espera ter muitos amigos. Enquanto isto, foi-se embora da nossa Casa o Wilson, que foi novamente acolhido e entretanto se compôs. Era um bom moço e, nesta altura, ia frequentar o 5.º ano.

Danilo Rodrigues

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Embora preocupados com a falta de meios para comprar fraldas para aquela avó, que agora tem 89 anos, lá íamos, com a vossa ajuda, tapando esse buraco.

Mas, agora, a nossa inquietação é maior: O Lar onde esta nossa amiga está, um Centro de Dia (mas lá ia ficando também à noite, embora lá ficasse toda a sua reforma que pouca é), por falta de condições, vai fechar à noite. Como o dinheiro que os seus ocupantes dão não chegava, a solução é fechar.

É triste verificar que, hoje em dia, o material é superior ao humano. Não interessam as vidas dependentes do Centro. Não dá lucro, a ordem é fechar. Apetece-nos perguntar onde está o socialismo deste País...

Daqui para a frente, não sabemos como vai ser a vida desta senhora. A filha não trabalha. O homem, com quem está e de quem tem dois filhos, foi para a Alemanha, pouco lá trabalhou, teve um acidente e está inutilizado não se prevendo quando nem quanto irá receber aquilo a que tem direito.

Para já, a nossa avó irá para casa dela e a filha irá lá de fugida, pois também tem o homem e os filhos para tratar e dar de comer.

Vamos pôr a nossa confiança no Senhor que tudo sabe, tudo vê e tudo providencia. Claro, também contamos com a intercessão ao Pai do Céu, do nosso Pai Américo.

Quando da nossa última visita à avó, ela já se encontrava instalada em sua casa. Com ela, a filha e um neto. Estava muito limpinha. A filha, sem esperança no futuro, pois não



MOÇAMBIQUE

DESPORTO — Desde 2005 surgiu a ideia de realizar um campeonato de futebol, em homenagem a Pai Américo e assim se chamou: *Campeonato Pai Américo*. Este começa a vinte de Junho e sempre termina a 16 de Julho. Só perdemos uma vez; até agora somos imparáveis no futebol

embora alguns acabassem um pouco aleijados. Temos muito a agradecer pela ajuda que nos têm dado, tanto no vestuário como no calçado.

Obrigado do coração.

CASAMENTO — É o exemplo de todos os exemplos que já tivemos por aqui. No dia 11 de Agosto, mano Luís, casou com a Luísa. É uma grande honra e orgulho do Padre José. Nós, os Gaiatos, estamos com os olhos brilhantes e cheios de alegria.

sabe como vai ser quando o filho for para a escola, diz que sozinha não consegue tirar a mãe da cama.

Vamos ver como irá ser...

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — O tempo é de férias e a correspondência não tem sido muita.

De Aveiro, vale de 25 euros; Amiga Isolinda, de Esmoriz, duas vezes 20; Fiães, uma carta com palavras bonitas e a ajuda da nossa Amiga Lígia.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Com os fim das férias e energias recarregadas, os Rapazes preparam-se para mais um ano escolar, que já bate à porta.

Esperamos que este novo ano lectivo seja para muitos recuperarem o tempo perdido; os outros, continuem aplicados — as boas notas aparecerão, naturalmente.

AGRICULTURA — Infelizmente o tempo, este ano, não ajudou a uma boa produção. Principalmente no que respeita à vinha. No resto, vamos tendo o suficiente, graças a Deus.

PRAIA — O segundo grupo já regressou da nossa casa de Azurara, onde tiveram umas merecidas semanas de férias. Vieram morenos e com cara de quem se divertiu e descansou.

Agora, todos juntos, vamos empenhar-nos nas duas grandes tarefas da nossa Casa: a silagem do milho e a vindima.

CASA — Nesta altura do ano, a grande tarefa é a preparação do ano lectivo. Confirmar matrículas, encomendar os manuais escolares referentes a cada ano, saber os horários das turmas (muito importante para a nossa vida de Casa, principalmente para as refeições).

Também as colheitas se aproximam, mas onde existe união tudo se faz alegremente — «como quem brinca», diria Pai Américo.

Zé Reis

DESPORTO — Vai começar a época desportiva de 2007/2008. Por isso, nada melhor do que transcrever este pequeno texto de Pai Américo: «*Eu limpo retretes, Padre! A mulher do Povo despede-se. (...) Ao sumir-se da minha vista, eu quisera ajoelhar-me e beijar o chão. Eu, o aclamado, o discutido, o tal apóstolo — eu não era capaz de tanto amor!*».

Agora, quero ver se aqueles que são rotulados de «bons», também têm humildade e reconhecem que só com ela, se consegue realmente ser o maior. «Eu não era capaz de tanto amor!»

É precisamente, nesse sentido que eu quero ver se «os tais que se dizem 'craques'» vão ter paciência e vão compreender «os menos bons» quando as coisas não estiverem a correr como nós queremos.

Vai ser preciso, com certeza, encorajar alguns.

Há sempre um pequeno-nada positivo para entusiasmar os outros, sem

Levantámos mais cedo para finalizar o que já havíamos iniciado uma semana antes e por esse motivo o pequeno-almoço foi nas casas. Praticamente terminámos os preparativos pelas 09h00 de sábado e cada um foi arrumar-se e fizemos tempo para a chegada da noiva.

Às 09h15, recebida pela nossa Mãe Irmã Quitéria que encaminhou a todos para o salão onde foi o Registo Civil.

Seguiram, depois, para a Capela onde na Missa fizeram a celebração do Matrimónio. Graças a Deus correu tudo muito bem até ao fim e já eram doze horas.

Seguiu-se uma apresentação de danças tradicionais, em forma de recepção aos noivos, e iniciou-se o almoço, na nossa quadra desportiva, pelas 14h00, terminando às 16h00. Às 18h00 alguns rapazes mais velhos acompanharam os noivos até à casa dos pais da noiva.

No dia seguinte, muito cedo, os dois pombinhos foram até à ilha da Inhaca passar a lua de mel. Foi uma oferta do nosso dentista, Dr. Manuel Hoyos, que todos os anos vem tratar dos nossos dentes e, por sinal, estava aqui, nesse trabalho, que há muitos anos nos dedica e, por isso, lhe estamos, bem como os noivos, muito agradecidos.

Alberto Benedito Langane

os deixar derrotados, frustrados, sem desejo de prosseguir...

Este ano, se Deus quiser, temos que voltar a fazer do nosso Grupo Desportivo, uma pequena família no seio da nossa grande Família.

Todos têm lugar! Cabemos todos, e mais não somos muitos...!

Vai ser salutar, para todos nós e para todos os outros, ao intervirmos com uma palavra oportuna e amiga, para acarinharmos com compreensão, sem lisonja, e dar um pequeno impulso, ajudando a subir os degraus de todos os dias: na escola, nas nossas obrigações, na nossa postura fora e dentro dos nossos portões; e no futebol, que vamos, mais uma vez, procurar fazer dele o nosso companheiro dos fins-de-semana.

Não podemos entrar no campo da crítica destrutiva — essa é uma tendência que viceja em todos nós... Criticar exige humildade, exige reconhecimento das nossas capacidades pessoais, ou da falta de capacidade em nós; exige reconhecimento e afirmação, de uma forma ou de outra, do valor dos outros.

Não é que não sejamos fracos... Não. Somos e de que maneira! Mas temos que procurar fazer cada vez mais e melhor, não nos deixando arrastar por aqueles que nada querem fazer.

Ensinar e compreender os mais novos, vai ser uma das coisas a que todos temos que nos propor. Não é chutando a bola para fora, dando mau exemplo e mostrando o nosso... feito, com o peito cheio de ar... que demonstramos ser melhor do que os outros. Eu compreendo o calor do jogo, mas é nessa altura que se vê, quem tem

Vistas de dentro

Continuação da página 1

que lhes acrescentou, esperamos que ele visite a sua Casa de Benguela e transmita aos Rapazes algo do seu entusiasmo e lhes conte a luta em que se empenhou até chegar aqui. Aliás, coadjuvando o esforço do Padre Manuel António, cuja paixão pelo papel da Escola na elevação do Povo é patente em todos os seus escritos! E lá, também, muitos Rapazes da sua geração, hoje chefes de família em luta pela sobrevivência, hão-de alegrar-se pela vitória deste irmão — e merecem tal alegria.

HOJE celebrei em Miragaia e havia combinado com o Rato (é mesmo este o seu nome!) que me esperasse para ir mostrar-me a casa onde desde há pouco mora.

O Rato tem trinta e poucos anos (que não aparenta) e depois de ter frequentado a Escola que foi a nossa Tipografia, se empregou numa pequena Oficina que, entretanto, com as transformações sofridas pelas Indústrias Gráficas, fechou. Tem passado momentos difíceis, mas sempre com dignidade, gra-

ças ao seu comportamento honesto e disponibilidade para servir que lhe têm conquistado ajudas com as quais vai sobrevivendo. Habitava um quarto fraco perto da Praça das Flores, mas agora é um sótão frente à Alfândega que me surpreendeu e deixou feliz. O prédio é antigo e está envelhecido como a maioria deles por ali. Mas ele e os Amigos que o têm ajudado (e com que engenho e arte!) conseguiram fazer do velho sótão um pequeno estúdio com tudo o que é necessário, criando um ambiente encantador onde me senti e sentiria bem, não fora a enorme e difícil escadaria que lhe dá acesso. Mas ele é novo e ainda tem boas pernas.

O Rato foi sempre um rapaz arrumado e, por isso, creio que não foi por me esperar que encontrei aquele espaço e os utensílios numa tal ordem, até com pormenores de bom gosto.

Mostrou-me a fotografia dos Amigos — duas famílias que imprimiram ali o carácter da sua delicadeza, de uma amizade autêntica. E, decerto, mais do que os olhos viram, foi este carácter invisível o que me fez sair de lá tão agradecido, tão feliz!

Padre Carlos

Benguela

Continuação da página 1

multiplicar estas gotinhas! Por vezes, aparecem dificuldades que desgastam as nossas energias. Não nos deixam cumprir, na hora precisa, o nosso plano de desenvolvimento comunitário. Uma delas é a falta de motores de rega. Existem à venda, nas casas da especialidade. Mas falta-nos o dinheiro para a sua aquisição.

Há dias, entrei numa loja para saber o preço do custo dum moto-bomba. Perguntei ao dono

se tinha coragem para oferecer uma delas à Casa do Gaiato. Olhou com os seus olhos bem fixos nos meus olhos e respondeu serenamente que sim. Carregámo-la na nossa carrinha, naquela mesma hora. Já está no seu lugar, à espera de mais companheiras, para tirar do fundo da terra o precioso líquido que vai fecundar as sementeiras.

Ao contar-vos estes passos da nossa vida, estou a mostrar-vos como as mãos unidas têm muita força. Estou ansioso por fazer a

recuperação das partes dos nossos edifícios residenciais. Não tenho conseguido, porque todas as reservas que amalhámos são consumidas na alimentação, nos medicamentos, na escolaridade e outros compromissos humanos que nos levam tudo. Havemos de alcançar. Bati à porta de todos os bancos, instalados na praça de Benguela, em grande número. Ainda não obtive a resposta desejada. Mas vou continuar a esperar. Este povo come-nos tudo o que temos e somos. E tudo o que temos e somos vem da vossa generosidade. São os corações pobres que amam, de verdade, os Pobres.

Padre Manuel António

estofo e quem se quer preparar para aguentar as contrariedades do dia-a-dia no amanhã. Temos que continuar a ser persistentes, com coerência e com os pés bem assentes no chão.

Alberto («Resende»)

BENGUELA

«CINQUENTA ANOS AO SERVIÇO DO SENHOR» — O título desta crónica foi plagiado por mim. Afinal de contas, quem deu o título a esta grande Festa foram as Irmãs Cooperadoras que estão a trabalhar em Angola e, inclusive, em Benguela, na nossa Casa. Para este dia, elas escreveram esta frase num cartaz, que fez parte dos enfeites. Eu achei-a linda e, como me comoveu muito, quis que fosse, também, o título da minha crónica, a respeito dos cinquenta anos de sacerdócio do nosso Padre Manuel António.

Cinquenta anos, é uma fase da nossa vida em que temos de fazer uma grande farra. Ainda mais quando se trata do cinquentenário daquilo que nos forma e que era o nosso principal objectivo. Afinal, são cinquenta anos ao serviço do Senhor. Este servir o Senhor refere-se a *queimar a sua vida*; e, com esta chama, fazer

cozer o pão para que, depois, seja também alimento para os outros.

Eu estou, aqui, a comparar a vida do nosso Padre Manuel António com uma chama no fimo. E esta comparação coincide, realmente, com a sua vida. Eu não vi a chama ser acesa. Mas sei que se acendeu em 4 de Agosto de 1957. Simplesmente só comecei a presenciar essa chama a arder em 1995. Já cozeu muitos pães que, hoje em dia, estão a servir de alimento a muita gente, em Angola. E, acredito, que fora de Angola também.

Agora, esperamos que os pães não apanhem bolor, para deixarem de servir de alimento. Porque, se fosse

para isso, a chama devia tê-los deixado queimar. Mas, como esta chama está bem regulada, nunca deixou que isso acontecesse, embora haja, um ou outro, que mostram aspectos um pouco desagradáveis porque, no momento em que estavam a ser cozidos, não quiseram fermentar... ou por outras razões. E quem vê estes pães, à primeira vista, não os vai querer escolher para comer, vai pô-los de lado. E quanto mais tempo estiver de lado, mais bolor apanha e mais se estraga.

Já são cinquenta anos em que a chama coze pães, mas, mesmo assim, não se apaga. Tenho a certeza de que



Malanje

Continuação da página 1

Não tenha medo, minha senhora, meta a sua roupinha na sacola, deixe tudo e venha.

O Mendes e o Castentem, com os outros mais pequeninos, esperam-na no portão da nossa Casa. Diga quando.

* * *

O leite é uma das preocupações da nossa vida quotidiana — leite e pão.

Compramos algumas vacas brasileiras, mas, talvez pela fraca alimentação, o leite não emanou.

No Outono vamos semear muito milho e, se as chuvas ajudarem, será leite. Padre Acílio aconselhou-me a comprar semente boa — já está.

Música — ponha-lhe música, atirou-me um Amigo. E... quem sabe?, talvez as musicatas brasileiras o façam jorrar...

Há boas vaquinhas leiteiras no Lubango, porém, é longe, a estrada é má e custam dólares... Talvez o senhor Fernando Borges escute o nosso sino.

Quando cheguei pedi-te uma ajuda para o leite dos meus 140 Rapazes... Vieste. Não digo o teu nome. O Senhor já apontou nos papiros do céu. Não duvides. Recebe o meu abraço com gratidão.

«É belo o rosto claro da manhã na terra cheinha de belezas». Maravilhas do Senhor!

Padre Telmo

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Diz-se que 'o Acaso é pseudónimo que Deus usa quando quer passar inadvertido'. Daí que o nosso fortuito cruzamento, aqui, na Figueira, já estava programado por Quem de direito. Penso que não há casualidades anónimas, descoordenadas, mas um encaideado de acontecimentos sabiamente programados para uma apoteose terminal, quando o Absoluto for tudo...

Isto, a propósito de um outro encontro, há cerca de 60 anos, com Pai Américo. Estaria, então, nos meus 18 quando, numas curtas férias em Penafiel, me senti motivado para visitar a Obra, em Paço de Sousa. Aonde me desloquei.

Recebeu-me o próprio Pai Américo — se bem me lembro, no escritório da Casa — e ele, como sabemos, não era homem que perdesse pitada, aproveitou logo o curto diálogo que tivemos para me convidar a assinar o Jornal. E, decerto, ao aperceber-se do meu embaraço em assumir tal encargo para o qual não estava preparado, tranquilizou-me de imediato: 'Olhe, paga a assinatura quando quiser, como quiser e... se quiser!'

Foi um inesquecível privilégio contactar, de perto, com um homem tão santo quanto perspicaz!

Assinante 5563»

«Por desleixo, aliado a afazeres que me foram adiando a decisão que estou a tomar, só agora envio a minha pequena contribuição para essa grande Obra, que eu muito admiro e para a qual peço todas as bênçãos de Deus.

Assinante 61111»

esta chama precisa de mais carvão para que não se apague. Eu faço parte do grupo que põe mais carvão, para dar mais força à chama.

Quando falo de pães, falo de todos aqueles a quem o nosso Padre Manuel António deu vida, e continua a dar, que somos nós, os Rapazes da Casa do Gaiato, e outras pessoas, que não sendo da Casa, precisaram e precisam da sua vida e, até agora, ele continua a dá-la, e a dá-la em abundância. Até que Deus venha apagar essa chama, pois eu tenho a certeza de que foi Ele que a provocou e só Ele saberá quando a apagar e porque a apagar.

Enquanto isso não acontecer, nós continuamos a precisar dela porque, de momento, estamos a ser cozidos nela.

Como se não bastasse, as Irmãs da Congregação do Santíssimo Salvador da Casa do Abrigo da Infância, no princípio deste ano, trouxeram uma boa quantidade de massa crua, para que a chama a transforme em pães bons. Aliás, elas são o principal fornecedor da massa a ser transformada nessa chama.

Apesar de tudo, agradeço a Deus, em nome de todos aqueles a quem o nosso Padre Manuel António deu, e continua a dar, a vida; por nos ter dado um pai, de tanto que necessitamos. Esperamos que os cinquenta anos sejam uma nova via a seguir e que, nessa via tenha ainda mais força para poder servir, também, outros irmãos que venham a cair nas suas humildes mãos.

António João de Jesus

SETÚBAL

Um novo ano vai começar

ESTAMOS no início de um novo ano escolar. A preparação académica é uma das colunas onde assenta a formação humana. Pela sua importância para os nossos Rapazes, ela constitui-se numa das nossas principais preocupações.

Os desequilíbrios da sua vida passada, tornam mais difícil o seu percurso escolar. Por isso, são muitas as nossas canseiras e ao lado dos êxitos, correm lutas e dissabores na vida escolar dos Rapazes.

O ambiente social e da Escola dificulta, normalmente, a integração e o aproveitamento que se pretende alcançar. O apoio na Escola, através de uma atitude compreensiva, acolhedora e estimulante, rareia, o que não favorece a progressão dos alunos, particularmente dos nossos. Perante dificuldades que se manifestam em desinteresse pelo estudo e pelas aulas, são eles postos à margem do grupo, onde sobressaem os que apresentam níveis de aprendizagem mais elevados.

Muitas alternativas têm sido postas em prática pelo sistema de ensino, algumas com êxito nos níveis dos graus escolares obtidos; pouco mais que um trabalho que favorece as estatísticas. Também quantas vezes o progresso

na escala dos anos escolares se obtém, não pela aquisição efectiva de conhecimentos, mas porque ao avanço da idade tem de corresponder uma passagem de ano.

Por tudo o que se passa, podemos desacreditar da verdade escolar; a não ser que a verdade, hoje, seja outra.

Um novo ano vai começar e, com ele, uma nova fonte de trabalhos irrompe para todos nós. Para os Rapazes do 2.º Ciclo contámos, até agora, com a ajuda de um professor destacado pelo Ministério da Educação. Para este novo ano mudaram as leis que regem esta situação e, as circunstâncias próprias em que nos apresentamos para reiniciar a Escola, fizeram-nos perder a ajuda desse professor, que nos dava descanso e confiança, para um melhor aproveitamento dos Rapazes que frequentam esse Ciclo escolar.

Os restantes continuam, por caminhos diversos, contando com a ajuda de professores Amigos que, por eles, se causam voluntariamente, em busca de uma formação que, tantas vezes, encarecemos como vital para o seu futuro.

Ajuda assim, os nossos quadros não estão totalmente preenchi-

dos; estão sempre abertos a pessoas de boa vontade que procuram o tesouro que nem o bicho nem a traça podem destruir.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Cristo Jesus entrava nas casas e nas sinagogas, mas a sua acção principal era toda na rua — *in loco campestri*. Maré de confidências que se conhecem do Evangelho: «Sim, tens cinco homens e nenhum é teu». Horas de desabafos: «Não chores, confia». Passou a fazer o bem nos campos, nos caminhos, nas aldeias — *Obra da Rua!*

PAI AMÉRICO

MOÇAMBIQUE

O casamento do nosso Luís

A grande notícia desta crónica para os nossos leitores é do dia 11 que encheu esta Casa de Festa. O casamento do nosso Luís. Foi dos primeiros a chegar aqui, com mais dois irmãos. Dos primeiros bons chefes, trabalhou no campo de tractorista e, após a décima-classe, como tivéssemos oferta de lugares na Escola de Muzambinho em Minas Gerais, no Brasil, ali fez o seu curso de agropecuária. Veio assumir, aqui, toda a responsabilidade dos nossos variados animais.

Andou tempos à procura de namorada. Quase dois anos. Fez o seu noivado com a Luísa, à maneira tradicional, com todos os requintes, e deu tempo para lhes prepararmos uma Casa, bem à entrada da nossa Fazenda onde no dia do casamento já ficaram.

Fizeram calmamente a sua preparação para o Sacramento, com todas as ajudas, morais e espirituais e até de saúde reprodutiva, para que o seu compromisso fosse assumido em plena consciência.

Creio bem que chegaram àquele dia com preparação adequada e suficiente para que as palavras do Sacramento fossem proferidas por ambos, compene-

trados da acção do Espírito Santo naquele momento sagrado, como testemunhos do amor de Deus e da Sua imagem e semelhança. A Celebração foi bem preparada pelos Rapazes e teve a presença não só da família da Noiva, como dos irmãos do Luís e alguns tios que só no momento do Lobolo conheceu, de vários Amigos da Casa, de todos os nossos trabalhadores, bem como da Comunidade da Massaca.

Dia grande como não houve até hoje, pela importância marcante no amadurecimento dos nossos maiores que, às vezes, me assustam, pelo seu crescimento rápido, a que não corresponde um desenvolvimento integral. Faltava-lhes um casal de referência sadia e estimulante, porque não conheceram um Lar, ou de outros que conhecem não podem tirar lição. Até agora muitos dos que já saíram para a sua vida e são umas dezenas, depressa arranjaram companhia e agora já com filhos, não encontram caminho para a sua realização humana. Para mim, foi um grande dia de acção de graças e para todos uma bênção muito feliz.

Padre José Maria

MOMENTOS

Uma incursão na pobreza de Malanje

COMIA eu o invariável feijão, à hora de almoço, quando dois pequenos me vêm comunicar, pesarosos, que, lá fora, o Américo chorava porque a sua mãe estava a morrer.

É um petisco o feijão cozinhado à maneira africana. Mesmo que feito da mesma forma, a fome torna-o agradável e reconfortante. Ele e a fuba, aqui substrato alimentar dos pobres.

O chefe vem, igualmente, junto de mim interceder pelo Américo:

— São dois rapazes vizinhos dele que vieram trazer a notícia.

O sabor do almoço começou a desvanecer-se e o apetite deu lugar à emoção. A mãe a morrer é uma dor sem igual. Mais, ainda, quando se é criança.

Chamei o menino. Tem 11 anos. Sou informado que ele é mesmo um farrapão da rua. Que tem fugido muitas vezes e andado por lá tempos longos. Que regressou, pela última vez, em Janeiro deste ano e se tem mantido em Casa!...

Apresentou-se à minha beira e aconcheguei-o a mim, como fazem as mães, para lhe transmitir afecto:

— Vamos já ver a tua mãe... e... não há-de ser nada, homem! Não chores.

Era sábado. Da parte da tarde o

tempo é livre e Rapazes para me acompanharem não faltaram. Mas não devo levar muitos para evitar o espectáculo.

Vejo dois a subir para a carroçaria do «Land Cruisser» e interpele-os:

— Vocês não podem ir. Quem são vocês? — as caras, sujas e o mau aspecto, não me pareciam dos nossos.

— São os rapazes que trouxeram a notícia da mãe do Américo — esclarece o Pongo-Love, chefe, que se dispunha a acompanhar-me.

Malanje fica a uns dez quilómetros de nossa Casa. A estrada apresenta um piso razoável, excepto dois quilómetros às portas da cidade, sem asfalto, onde levanta, à passagem dos carros, nuvens de poeira, tão intensas, que, em pleno dia de sol, é necessário acender os faróis do veículo, para não causar perigo a ninguém.

A mãe do Américo mora na Maxinde. Um bairro suburbano enorme à direita de quem se dirige para o centro da cidade.

As ruas, de terra batida, com enormes buracos, obrigam-nos a ir devagar e com muita atenção. As casas e quintais, construídas de adobes de terra avermelhada, sem

reboco, apresentam um aspecto tosco e miserável.

Fronchosas mangueiras, jovens e adultas, com pequenos frutos a aparecer, cobertas de poeira cor-de-tijolo esmaiado, enfeitavam o ambiente e dão-lhe vida, como único elemento decorativo.

Aqui e acolá, cães macilentos atravessavam a passagem à mistura com galinhas coloridas, cabras gordas e porcos pretos, dando-nos a sensação de que tudo é de todos. Cada animal, ou ave, tem o seu dono. O terreno é que é comum.

O Américo, sentado a meu lado, na cabine do *jeep*, ia indicando o caminho com a mão:

— É para ali. — e eu perguntava:

— Para a esquerda ou para a direita? — e ele respondia, indicando com a mão:

— Para ali.

Pongo-Love ajudava:

— Para a esquerda.

Por todo o lado se viam crianças, pequeninas e médias, sentadas na terra avermelhada, a brincar, indiferentes à sujidade — e habituadas a ela.

Mulheres, de bebês às costas e na barriga, exibiam a fonte de vida que cada uma possui, acariciadas pelos frutos do seu próprio ventre.

Passámos por um mercado, assente em lixo, onde tudo se vendia: desde os alimentos mais variados, expostos, naturalmente, à poeira e aos insectos, até às últimas novidades de rádios ou leitores de música e peças de automóvel, num reboliço humano impressionante.

Finalmente, chegámos.

— Para aqui — implorou o meu guia.

Era um largo grande com mangueiras enormes, fendas e serpenteadas valas cavadas pelas chuvas, cheias de plásticos e nunca arrasadas.

Os portadores da notícia eram conhecidos e a nossa presença foi, logo, notada.

Juntou-se um mar de gente pequena à volta do Américo. Meninos e meninas. Eram uma chusma imensa, mostrando barrigas grandes, de enormes umbigos e moucas empoeiradas, as quais me espicaram um desejo imparável de os trazer comigo, lhes dar um banho e proporcionar um ambiente à altura do século XXI.

Mas, eu estava em África!... Tive de me refrear e gemer para dentro!... Sim... Chorar!... Chorar!... Chorar!... Impotente e revoltado com o mundo! Pedindo a Deus que iluminasse os homens por amor das crianças!... Sobre-tudo, os ricos e poderosos, desta Angola opulenta e tão pobre.

Afinal, a mãe do Américo não estava doente!... Foi uma grande mentira dos antigos compinchas de rua para o atrair.

Já suspeitando de tudo, fui com ele e levei companheiros fortes e

experimentados para me ajudarem.

A mãe, uma mulher dos seus 40 anos, completamente cega, mostrava o branco dos dois olhos, remelados sujos, gesticulando e praguejando contra os antigos companheiros, desencaminhadores do seu filho. Não houve nome feio que não lhes chamasse.

— Eu quero que ele vá à escola, não o quero com esses bandidos!...

— espumava de indignação e incapacidade, manifestando, com evidência, o instinto maternal que a dominava.

Encostei-lhe o filho.

— Não beijas a tua mãe, Américo?

Era difícil. Ela estava tão nojenta que compreendi a retracção do rapaz!... Apesar da doçura que a mãe sempre inspira.

Ela agarrou-o, apertou-o a si, encostou a própria face à cara dele e... aquilo é que foi beijar!... Depois, chupou-lhe uma orelha, tentando saciar a sede maternal que o filho lhe despertara! E vá de o incitar:

— Não fujas. Estuda. Olha que a mãe quer *ver-te* (?) um homem!

Diante de tanta beleza, senti, vigorosamente, a Presença de Deus! Era Ele que Se revelava e me consolava com a Sua luz, bem forte, naqueles pobres!

Levamos-lhe um pouco de arroz, óleo e farinha de milho! Como ficou contente...

O Américo regressou connosco, aliviado, comunicativo.

— Vês, Américo, não te disse que não seria nada?...!

Padre Acílio